

Espiritualidade

das Irmãs Franciscanas de Siessen

III A Nossa identidade

- 01 O Deus Trino é a origem, o centro e a meta da vocação e missão da nossa congregação e de cada irmã individualmente¹.
- 02 Por meio da força do Batismo, vivemos a nossa vida cristã na Igreja Católica como uma comunidade de mulheres de diferentes gerações, caráter e culturas.
Como São Francisco, nós nos esforçamos, ao longo de nossas vidas, para conhecer a Deus mais profundamente² e, assim, reconhecer mais claramente quem somos. Nossa identidade é nutrida pelas experiências de São Francisco com Deus, pelas experiências de nossas irmãs na história da nossa congregação e por nossas experiências no tempo atual.
Como Irmãs Franciscanas da Terceira Ordem Regular, vivemos de forma simples e fraterna em pobreza, obediência e castidade por causa do Reino dos Céus.
- 03 O Evangelho é a base e a orientação para o nosso seguimento de Cristo em comunidade. É assim que damos testemunho da presença viva de Deus no mundo.
- 04 Nosso relacionamento com Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado alimenta-se da vivência da Palavra de Deus, da oração pessoal, da liturgia celebrada em comunidade, dos sacramentos da Igreja e da adoração eucarística. Os eventos cotidianos, os encontros fraternos, a beleza da criação, a música, a arte e outros podem ser sinais da ação de Deus para nós.
- 05 Como Maria, dizemos sim ao chamado de Deus e a seus planos do modo como eles se manifestam a nós. Com a profissão religiosa, colocamo-nos à disposição de Deus na congregação para que Ele se torne humano em nós e por meio de nós.
- 06 Pessoal, e comunitariamente, praticamos o discernimento espiritual para aprender a ouvir, cada vez com maior sensibilidade, o som da voz de Deus na multidão de vozes do nosso tempo.
- 07 Todas fomos formadas pelas nossas origens, pelo ambiente cultural e social em que vivemos. A riqueza e os limites dessas influências desafiam-nos a examinar quando é necessário deixar de lado o que é nosso e a abrir-nos ao desconhecido. O Evangelho nos une em meio a todas as diferenças e estranhezas.
- 08 São Francisco nos encoraja a crescer no espírito de conversão constante e de nos voltarmos para Deus e para os nossos semelhantes. A percepção e a comunicação positivas, simplicidade e alegria bem como a disposição para a reconciliação e novos começos fazem parte de uma cultura franciscana de vida comunitária. Com a atitude de minoridade, colocamo-nos ao lado dos pobres e ousamos sempre de novo partir como peregrinas e estrangeiras³.

¹ Con85 1,1.

² Jo 17,3.

³ Cf. Test 24.

- 09 No espírito de Jesus, impactamos o mundo com os nossos dons e habilidades. Por confiarmos que Deus nos fornecerá tudo o que precisamos para nossa missão, usamos nossa força e criatividade com generosidade. Temos consciência de que Deus pode construir o seu Reino, mesmo em tempos de nossa fraqueza e nossas limitações.
- 10 Vivemos nossa missão como parte da missão da Igreja. Por meio das nossas ações e orações deixamos brilhar o rosto feminino da Igreja.
- 11 Como membros do Corpo de Cristo, alegramo-nos com toda a vida bem-sucedida na Igreja e sofremos com as suas deficiências. Com São Francisco e Santa Clara, aprendemos a fidelidade criativa à nossa Igreja. Falamos quando as ações de pessoas ou estruturas obscurecem a mensagem do Evangelho. Contudo, conscientes das nossas próprias fraquezas e pecados, o fazemos com respeito e em posição de igualdade.
- 12 Vivemos em unidade com outros membros da Família Franciscana e Comunidades de Vida Consagrada. Além disso, buscamos contato e cultivamos relacionamentos com pessoas de outras denominações, religiões, movimentos e com todas as pessoas de boa vontade.
- 13 A experiência de São Francisco com Deus o levou a ser um irmão de todas as criaturas. Ao respeitar tudo o que é criado com reverência e amor fraterno, nós nos transformamos e podemos trabalhar em prol de um mundo mais justo e pacífico. Isto se mostra em um tratamento sustentável e promotor da vida com os bens da criação e no compromisso social e político.
- 14 No espírito de São Francisco, abençoamos tudo e todos que encontramos:
O Senhor te abençoe e te guarde; te
mostre a sua face
e tenha misericórdia de ti.
Volva para ti o seu rosto e te dê a paz.
O Senhor te abençoe.

III B Do modo de aceitar esta vida

- 01 No início do nosso chamado, está o convite de Jesus: “Vem e segue-me⁴”.
- 02 Nossa vocação é um dom e uma missão. Nossa jornada começa com a experiência de que o Deus Trino nos fala pessoalmente de diferentes maneiras e desperta em nós o desejo de segui-lo como Franciscana de Siessen.
- 03 Acolhemos as jovens que nos procuram na busca de responder a esse chamado, com a vontade de compartilhar nossas vidas, no espírito de São Francisco e Santa Clara e as aceitamos como um presente de Deus. Na nossa busca comum pelos caminhos do futuro, olhamos atentamente os dons e impulsos que o Senhor quer nos dar por meio dessas novas vocações.
- 04 Ao ouvirmos juntas a orientação do Espírito Santo, no diálogo umas com as outras e na responsabilidade mútua da irmã e da congregação, a vocação pode se desenvolver, aprofundar e consolidar.
- 05 O amor de Cristo nos motiva a nos orientarmos para sua vida, morte e ressurreição em todas as dimensões e a segui-lo em todo tempo.
Em tudo queremos descobrir Jesus Cristo, seguir os seus passos como São Francisco, amá-lo e adorá-lo.

⁴ Mt 19,21.

- 06 Ao caminharem juntas e viverem umas com as outras, fica evidente se a maturidade humana e a capacidade de se relacionar, a alegria e o contentamento, o crescimento na fé e na espiritualidade podem ser sentidos. Se isso for reconhecido para a própria irmã e para a comunidade, o caminho de crescimento na congregação pode ser continuado.
- 07 Na nossa vocação batismal, Deus inicia uma aliança eterna com cada irmã. A profissão religiosa é a concretização da nossa vocação batismal. Na profissão, consagramo-nos a Deus e damos continuidade à aliança que Ele fez com a congregação e que renova continuamente. Como Maria dizemos sim ao chamado de Deus em nossa vida.
- 08 Nossa sim tem muitas facetas.
 Digo sim a Deus como meu Criador e Salvador. Digo sim à minha própria vida e ao meu ser.
 Digo sim a este mundo em que nasci.
 Digo sim à minha vocação batismal e ao meu estar na Igreja Católica.
 Digo sim à vida consagrada comunitária em nossa Congregação Franciscana.
- 09 O sim do início deve encontrar novas formas de expressão no amadurecimento da nossa personalidade e da fé ao longo de nossa vida. Esse processo é motivado pela vontade de crescer, pela constante disposição de se converter, por meio de crises, desafios, recomeços e afastamentos. Permitimos uma à outra esse espaço necessário de desenvolvimento e nos alegramos com o que cresce e amadurece. Por intermédio do incentivo e *feedback* mútuos, apoiamo-nos nesse processo como irmãs. Acompanhamento espiritual também pode ser útil.
- 10 Em cada fase da nossa vida, o chamado de Deus ressoa novamente e a nossa resposta também é nova. Como pessoas que são chamadas e que também escutam, colocamo-nos continuamente a caminho, interior e exteriormente, renovando a nossa decisão que tomamos na fidelidade e na perseverança. Dessa forma, aprofundam-se as nossas raízes em Deus e seguimos o seu convite de “Permaneçam no meu amor⁵”.
- 11 No final da nossa vida, podemos rezar como Santa Clara: “Eu te agradeço por me teres criado⁶”. E, cheias de esperança, unimo-nos ao clamor do Espírito e da Esposa: “Amém! Vem, Senhor Jesus!⁷”

III C Do espírito de oração

- 01 O amor do Deus Trino, que nos amou primeiro, é a origem de nossa vocação e a fonte da nossa missão. Seu amor nos chama, atrai e desperta em nós o anseio por Ele. A união pessoal com Ele, portanto, sustenta nossa vida e nos dá o espaço que nos leva mais profundamente a uma atitude orante que inspira e molda constantemente a nossa vida cotidiana. Assim, preparamos uma casa e morada⁸ para o Senhor em nossos corações e entre nós.
- 02 Inspiradas por São Francisco e Santa Clara, nos unimos em louvor a Deus. Suas orações e escritos servem de motivação e orientação.

⁵ Jo 15,9.

⁶ PC 3,20.

⁷ Ap 22,20.

⁸ RnB 22,27.

- 03 Vivemos uma atitude eucarística que é alimentada pela convivência regular e consciente com a Eucaristia, especialmente pela participação na celebração eucarística e na adoração. Ela é caracterizada por uma disposição para a transformação e a dedicação, e o desejo de estar totalmente presente. Essa atitude interior também se torna visível externamente no serviço aos nossos semelhantes, na gratidão, na reconciliação e no compromisso pela paz.
- 04 Toda a nossa vida é orientada pela Palavra de Deus. Para que ela permeie nosso cotidiano, usamos diversas maneiras de dar espaço à Palavra de Deus entre nós: lidar com a Palavra, aplicá-la em nossa vida, interpretar a vida de acordo com ela. Para nós, é importante a meditação diária da Palavra, o estudo bíblico, a leitura orante da Palavra, e a troca de experiências sobre como vivemos a Palavra.
- 05 Vemos nossa oração como parte da oração de toda a Igreja. Rezamos a Liturgia das Horas nessa comunidade global. Trazemos alegria e esperança, tristeza e medo⁹ e as intenções do mundo diante de Deus em oração intercessora. Usamos nossos dons para garantir que a liturgia em nossos conventos e paróquias seja celebrada de forma viva e digna e irradie a beleza de Deus.
- 06 Devemos sempre criar equilíbrio entre a oração comunitária e a pessoal, bem como entre a oração pré-formulada, a espontânea e a silenciosa.
Da mesma maneira, vivemos na dinâmica entre ação e contemplação. Continua sendo uma tarefa de vida encontrar o equilíbrio certo em cada idade, de acordo com a própria vocação e situação de vida.
- 07 A contemplação é uma característica essencial da nossa vocação franciscana. Por meio da contemplação, reconhecemos o Deus Trino, que se tornou homem em Jesus Cristo, em tudo o que encontramos.
- 08 Maria, a mãe de Jesus, é para Francisco o arquétipo do ser humano contemplativo. Ela é a “filha e serva do Alfíssimo Rei e Pai Celestial, mãe de nosso Santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo¹⁰”. Em todo o seu ser, ela indica Deus.
Conforme o seu relacionamento com Maria, Francisco desenvolveu uma atitude de mente e coração que moldou seus sentimentos, pensamentos e suas ações e o capacitou a contemplar constantemente o mistério de Jesus Cristo.
A ligação com Maria também pode nos levar mais profundamente a Cristo.
Rezar o terço, o *Angelus* e as orações marianas de São Francisco podem nos ajudar.
- 09 O mistério de Cristo e nossa transformação em sua imagem estão concentrados no motivo do espelho de Santa Clara. Para ela, Cristo é o espelho de Deus, no qual ela olha constantemente. Ela nos convida: “Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira, pela contemplação, na imagem da divindade¹¹”.
Por meio da contemplação constante do amor de Deus, tornamo-nos capazes de reconhecer e amar Cristo em nós mesmas, em nossas coirmãs e em todas as pessoas. Assim, Clara nos recomenda em sua bênção: “Amem sempre as suas almas e as de todas as suas irmãs¹²”.
- 10 São Francisco encontra toda a criação com um senso de sagrado, maravilhoso e misterioso. Tudo o que foi criado – pessoas, animais, plantas, rochas e estrelas – torna-se um *sacramentum*, um sinal de Deus e de sua presença¹³.

⁹ Cf. GS 1.

¹⁰ OP Ant 2.

¹¹ 3 In 12-13.

¹² BnC 14.

¹³ Cf. Cnt.

- ¹¹ Para Francisco, o retiro em eremitérios era a fonte de sua missão apostólica. Nós também temos a oportunidade de visitar tais lugares ocasionalmente. Também reservamos momentos de silêncio comunitário e pessoal em nossa vida cotidiana e respeitamos os espaços de silêncio.
- ¹² São Francisco queria seguir Deus, que é amor, com todas as suas forças e se tornar um coamante com Ele. Para Francisco era uma grande dor o fato de o amor não ser amado. Com ele olhamos para o Menino no presépio e para o Crucificado e aprendemos a aceitar com amor e misericórdia a realidade quebrada que somos e na qual vivemos. Podemos aprofundar nosso amor pelo Senhor sofredor, por exemplo, rezando a Via Sacra e o Ofício da Paixão.
- ¹³ Estamos cientes de que nos tornamos culpadas e magoamos umas às outras na vida comunitária. Praticamos continuamente a atitude de conversão e a disponibilidade para perdoar e reconciliar. Na vida pessoal, por exemplo, a revisão diária e o exame de consciência servem a esse propósito. As formas comuns incluem os capítulos de renovação ou a liturgia penitencial. As cerimônias sacramentais incluem os sacramentos da Reconciliação, a Eucaristia e a Unção dos enfermos.
- ¹⁴ Valorizamos o jejum no sentido de renúncia por amor como um importante exercício espiritual, por meio do qual o Espírito Santo quer tornar-nos abertas e sensíveis. Isso fortalece nosso espírito e nos permite reorientar-nos e tornar-nos sensíveis à situação dos pobres. Jejuamos especialmente durante o período da quaresma e nas sextas-feiras. Também nos preparamos para os dias de festas que têm um significado especial para a nossa congregação por meio de jejum e de novenas.
- ¹⁵ Cultivamos a partilha espiritual entre nós, nos fortalecemos e nos acompanhamos mutuamente nos momentos bons e difíceis. Retiros anuais, dias de recolhimento e acompanhamento espiritual ajudam a crescer e amadurecer, tanto em nosso relacionamento pessoal com Deus quanto nos desafios da vida.
- ¹⁶ No final da sua vida, Francisco “tornou-se não tanto uma pessoa orante, mas ele próprio uma oração¹⁴”. Assim também nós experimentamos que a oração fiel nos transforma e deixa a nossa vida se tornar oração.

III D Da vida em castidade consagrada por causa do Reino dos Céus

- ⁰¹ Deus nos criou por amor como sua imagem e nos concedeu dignidade, beleza e integridade. “Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher¹⁵”.
- ⁰² Adentramos no amor trino, que dá, recebe e que nos preenche. Nós somos chamadas a sermos “coamantes¹⁶” com Deus. O amor nos transforma e permite que nos tornemos quem Deus planejou que fôssemos. É assim que nos tornamos “esposas, irmãs e irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo¹⁷”.
- ⁰³ Deus se tornou um verdadeiro ser humano em Jesus Cristo. Tudo o que é humano lhe é familiar e Ele se dirige a nós como pessoas íntegras. Somos chamadas por Ele a amar com tudo o que nos pertence, com toda a nossa existência, incluindo a nossa feminilidade e sexualidade. Respondemos ao seu amor com a nossa decisão de viver uma vida de castidade consagrada a Deus por causa do Reino dos Céus.

¹⁴ 2Cel 95,5.

¹⁵ Gn 1,27.

¹⁶ Cf. Duns Scotus.

¹⁷ Cf. 2Fi 50-53.

- 04 Jesus escolheu a vida de celibato para si mesmo¹⁸. Ao mesmo tempo, sua vida era uma vida entre as pessoas e em relacionamentos. A forma como Jesus se aproximava das pessoas, como se permitia ser tocado, como se relacionava com proximidade, mantendo, ao mesmo tempo, um foco claro no Pai e em sua missão, fascina-nos e impulsiona-nos a imitá-lo. Portanto, o nosso modo de viver a castidade consagrada a Deus só pode ser fecundo se for alimentado por uma relação viva com Ele e vivido segundo a dinâmica interpessoal entre dar e receber.
- 05 Como Deus nos mostra o seu rosto humano em Cristo, nós o amamos com toda a força do nosso ser. O relacionamento amoroso com Cristo, seu Noivo¹⁹, é um mistério na alma de cada irmã.
- 06 Maria, noiva do Espírito Santo, mãe e discípula de Jesus Cristo e arquétipo da Igreja, é nosso modelo e companheira na vida de castidade. Em Maria Imaculada, vemos dignidade, beleza e plenitude realizada de maneira especial. Sua eleição nos mostra que Deus, por pura graça, conduz o ser humano à plenitude de sua vocação. Confiamos que Deus queira tornar nossa vida fecunda assim como Ele tornou a vida de Maria fecunda.
- 07 No Cântico das Criaturas, Francisco descreve a água como casta²⁰. Tal como “irmã água”, queremos ser permeáveis a Deus, claras e puras em nossas próprias intenções. Temos uma visão honesta e imparcial de nós mesmas e do mundo. Isso requer uma boa distinção entre nossos movimentos internos. É assim que ganhamos um coração puro²¹.
- 08 Cultivamos relacionamentos e amizades que nos são dados dentro e fora da e os vivemos com gratidão. As relações amistosas enriquecem-nos, alargam os nossos horizontes e aprofundam a nossa vocação. São Francisco e Santa Clara, Frei Leão e Dona Jacoba de Seftesoli são exemplos de amizade bem-sucedida. Podem ser nossos modelos para uma atitude de fraternidade em nossos relacionamentos.
- 09 Estabelecemos relações de forma transparente e verdadeira. Respeitamos e temos consideração pelas outras pessoas e evitamos dependências ou até mesmo formas de exploração. Movemo-nos na tensão da proximidade e da distância e permanecemos vigilantes nas situações em que corremos o risco de satisfazer as nossas próprias necessidades à custa dos outros. Respeitamos e protegemos os limites das outras pessoas e somos particularmente atentas em relacionamentos assimétricos. Nós nos protegemos quando nossos limites são ameaçados e procuramos ajuda, se necessário. Prestamos atenção à discrição para evitar e combater rumores e julgamentos.
- 10 Vivemos em fraternidade também com pessoas de outras religiões, culturas e visões de mundo, aproximamo-nos delas sem preconceitos e crescemos em contato com o desconhecido. Moldamos a nossa convivência com todas as criaturas e com tudo o que é criado, com muito respeito e atenção. Em todos os encontros, buscamos nos deixar tocar pelo mistério de Deus.
- 11 A nossa decisão de viver uma vida de castidade consagrada inclui a renúncia ao casamento ou à parceria, à maternidade biológica e à sexualidade interpessoal íntima. É importante percebermos o nosso corpo e os impulsos, desejos e necessidades que lhe estão correlacionados e encontrarmos uma boa forma de lidar com os nossos desejos emocionais e sexuais. Por um lado, isso significa que cada irmã está consciente da sua identidade e orientação sexual e, se necessário, lida de forma adequada com experiências性uais estressantes. Por outro lado, isso também significa que nos tornamos capazes de

¹⁸ Cf. Mt 19,12.

¹⁹ 1 Ff 12.

²⁰ CnT 7.

²¹ Cf. Mt 5,8; Ad 16.

falar em nível comunitário umas com as outras sobre o tema da sexualidade em espaços seguros, sem medo e julgamento. A sexualidade integrada leva-nos à vivacidade e à liberdade e permite-nos ser criativas e desenvolver relacionamentos maduros.

- ¹² Cada fase da vida tem seus próprios desafios e perigos específicos. Nós os reconhecemos honestamente e os colocamos com confiança ao nosso Criador. Precisamos ser vigilantes e disciplinadas e, se necessário, buscar ajuda se estamos preenchendo o nosso vazio interior, por exemplo, por meio do trabalho excessivo, consumo de mídia, relacionamentos, compras, comida, jejum ou diversos vícios.
- ¹³ A castidade consagrada a Deus revela seu poder vital no decorrer de nossas vidas em suas várias fases e também em tempos de crise até a idade avançada. É importante que cada uma de nós saiba o que contribui para desenvolver as forças da mente, da alma e do corpo, por exemplo, por meio de atividades criativas, musicais ou esportivas e alcançar um equilíbrio.
- ¹⁴ Mesmo que renunciemos a aspectos importantes da experiência física da vida e da satisfação, reconhecemos com gratidão os muitos sinais do cuidado de Deus para conosco. Deus é belo. Alegramo-nos com a beleza que nos é dada pela natureza e pela cultura. Ao mesmo tempo, somos sensíveis à vulnerabilidade e finitude que estão inscritos na criação. Pela força do cuidado amoroso de Deus, voltamo-nos para os pobres e para a criação.
- ¹⁵ Com a convicção de que Deus quer nos dar uma vida abundante, usamos e desfrutamos o que nos é dado com uma atitude de gratidão. Só encontraremos em Deus a nossa morada emocional definitiva e a nossa realização. Nesse sentido, o modo de vida da castidade consagrada é um sinal do anseio que só pode encontrar sua realização em Deus. A Bíblia nos mostra muitas imagens desse cumprimento que começa hoje em pequena escala e um dia será concluído. As imagens do noivo celestial, o banquete de casamento e da cidade celestial de Jerusalém para todas as nações podem ajudar-nos a manter vivos e abertos o nosso desejo e a nossa esperança.

III E Do modo de servir e trabalhar

- ¹ Deus confiou-nos o seu mundo como uma casa comum²². Fazemos parte da sua criação e colaboramos na sua atividade criativa. O trabalho é uma oportunidade para sermos criativas e contribuirmos de acordo com as nossas respectivas culturas²³. Podemos desenvolver as nossas próprias capacidades, vivenciar um sentido pleno e tornar-nos fecundas.
- ² São Francisco diz que é uma graça e um dom poder trabalhar. Como ele, queremos trabalhar com alegria e compromisso, tomando cuidado para não extinguir o espírito de oração e devoção²⁴.
- ³ Na atitude franciscana de minoridade e fraternidade, trabalhamos para ganhar a vida e, ao fazê-lo, experimentamos nossa dependência de pessoas, estruturas e coisas. Com isso, vivemos a solidariedade entre nós irmãs e nossa solidariedade com os pobres. Renunciamos a usar e dominar a natureza e nosso ambiente como um mero objeto de uso²⁵.
- ⁴ Trabalhando, colocamos os nossos dons e capacidades para servir a Deus, à congregação, à Igreja e à sociedade. Ao fazê-lo, praticamos uma atitude de serviço que se expressa em

²² Cf. Gn 1,26-28; Gn 2,15; LS 1.

²³ LS 14.

²⁴ Cf. RB 5,1-2; cf. Ant 2; RSC 7,1-2.

²⁵ LS 11

fidelidade, dedicação, gentileza e comportamento respeitoso²⁶. Uma disposição fundamental para assumir responsabilidades e realizar qualquer tipo de serviço e trabalho resulta de nossa identidade franciscana.

- 5 Reconhecemos os dons e habilidades dados por Deus a cada irmã e fomentamo-las, por meio de formação e educação continuada para se tornarem frutíferas para a congregação, a Igreja e o mundo.
- 6 Cada uma de nós tem o seu valor, independentemente do seu desempenho ou da natureza do trabalho que realiza e do seu sucesso. Priorizamos a procura do equilíbrio entre o trabalho, a vida comunitária, a oração, momentos de descanso e renovação das forças. Na doença e na idade avançada, quando as forças físicas e mentais enfraquecem, o foco da vida muda mais para um estar presente diante de Deus. O acompanhamento pode ser útil nesse caminho. Todo o nosso ser e fazer são para o louvor e a honra de Deus.

III F Da vida em pobreza

- 01 O conselho evangélico de pobreza reflete o constante dar e receber da vida trinitária. A nossa decisão de professar o voto de pobreza surge da promessa e da experiência do amor doador e da obra generosa de Deus em nossas vidas.
- 02 Na encarnação de Jesus, Deus percorreu o caminho da pobreza extrema e da humildade. Jesus vivia uma vida simples entre os homens, esvaziou-se, deu a vida na cruz e foi exaltado²⁷. São Francisco e Santa Clara estavam imbuídos do desejo de seguir Jesus pobre e humilde. Reconheceram nele a riqueza das suas vidas²⁸. Tal como eles, escolhemos viver a pobreza no sentido do Evangelho. Nesse caminho, contemplar constantemente o Cristo encarnado, pobre, crucificado e ressuscitado nos fortalece.
- 03 Uma vez que reconhecemos Deus como o Criador e Doador de tudo e nos confiamos aos seus cuidados, praticamos, pessoal e comunitariamente, o desapego de pessoas, coisas e lugares, de tarefas, competências e responsabilidades, de exigências e expectativas, de ofensas e feridas. Dessa forma, tornamo-nos cada vez mais livres da preocupação restritiva por nós mesmas e mais receptivas às riquezas de Deus e à vida em sua plenitude. Tornamo-nos cada vez mais capazes de nos doar até que, no desapego final, entregamos nossas vidas completamente de volta nas mãos de Deus.
- 04 O conselho evangélico de pobreza nos libera para tomarmos decisões, assumirmos compromissos e, por fim, nos comprometermos com Deus. Diante da amplitude de tantas possibilidades, precisamos sempre ter a coragem de escolhermos uma e renunciar as outras. Também inclui a disposição de abraçar mudanças com flexibilidade, de acolher novos desenvolvimentos e de aceitar o imprevisto.
- 05 Para o caminho de São Francisco com a “Senhora Pobreza”, era crucial que ele encontrasse leprosos²⁹ e se sentisse olhado e pessoalmente abordado pelo Crucificado em São Damião³⁰. Diante da grandeza de Deus e na experiência do despojamento radical de Deus, ele reconheceu a sua própria pobreza. O movimento mais íntimo de Santa Clara era abraçar o Cristo pobre como uma virgem pobre³¹. Nesse abraço, Francisco e Clara permitiram que Cristo se aproximasse deles e que fossem moldados por Ele. Como eles, não procuramos a pobreza no sentido de uma mera renúncia ascética, mas sim um

²⁶ Cf. Regra II E 20.

²⁷ Fl 2,5-9.

²⁸ LD 4.

²⁹ Test 1; 2Cel 9,9-15; LM I 5,1-5.

³⁰ LM II 1,1-5.

³¹ Cf. 2In 18.

- caminho novo e radical para uma vida em abundância.
- 06 O Cristo pobre encontra-nos nos pobres do nosso tempo. Isso nos obriga a perguntar continuamente quem são concretamente os “pobres e leprosos” e a estar atentas ao sofrimento das pessoas ao nosso redor e no mundo. Nunca devemos deixar de tratar essa questão pessoalmente e como comunidade: a quem devemos servir? ³²
- 07 Um verdadeiro encontro com os pobres pressupõe que reconheçamos e aceitemos nossa própria pobreza diante de Deus. Continua a ser um desafio constante para a congregação em todos os níveis.
- 08 Escolher viver em pobreza e humildade franciscanas significa para cada uma de nós: eu disponibilizo os meus dons e habilidades às minhas irmãs e à nossa congregação. Não preciso esconder as minhas fraquezas e a minha pobreza, mas posso lidar com elas abertamente. Posso confiar em minhas irmãs e pedir apoio. Ao mesmo tempo, é minha tarefa me esforçar para me desenvolver e crescer. Aceito com amor e respeito as fraquezas e a pobreza das outras, bem como as da nossa congregação, suportando-as e carregando-as. Alegro-me com os dons das outras sem inveja e os valorizo.
- 09 A pobreza vivida e partilhada dessa forma desperta e fortalece o amor; cria relações e uma comunidade viva e deixa-nos experimentar que dependemos umas das outras. A confiança em Deus e as relações comunitárias proporcionam uma segurança que vai muito além da segurança necessária desse mundo. Tempos de crise, doença, fraqueza e fragilidade são um desafio especial. Podem nos levar de uma pobreza escolhida para uma pobreza assumida.
- 10 Praticamos a atitude de pobreza e a expressamos em ações concretas. Colocamos tudo em comum, cada uma contribui com sua parte. Isso também inclui a disposição para disponibilizar nossos bens pessoais, tanto espirituais quanto materiais, às nossas irmãs. Alegramo-nos com as coisas que nos são dadas e praticamos uma atitude de contentamento e gratidão por tudo o que temos e recebemos. Pedimos às irmãs responsáveis o que necessitamos. Reavaliamos sempre de novo o que realmente precisamos, como podemos viver de forma mais simples, exercitar a moderação e nos limitar.
- 11 Estamos inseridas em contextos econômicos globais em que há muita injustiça. Conscientes da nossa responsabilidade pela criação, prestamos atenção a aspectos como sustentabilidade, condições de produção justas, reciclagem e reparabilidade. Sempre que possível, pagamos o preço que as coisas realmente custam para não vivermos à custa de outras pessoas e da criação.
- 12 A nossa decisão de professar o voto de pobreza também significa que disponibilizamos, o máximo possível, para dar um apoio solidário aos pobres e necessitados. Obriga-nos a pensar globalmente, a considerar as consequências das nossas ações e a trabalhar contra as causas estruturais da pobreza e de todas as formas de injustiça. Em contato com os pobres ou com as pessoas dos grupos marginalizados da nossa sociedade, tentamos ler o Evangelho por meio dos seus olhos, compreender a realidade das suas vidas com as suas preocupações, dificuldades e necessidades; aprender com eles, defendê-los e fortalecer a sua voz.

³² Cf. LTC 6, 7.

III G Da vida fraterna

- 01 Jesus nos convida: “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei³³”. Somos chamadas à vida fraterna no espírito de São Francisco e Santa Clara. A presença de Deus em nosso meio, nosso foco comum nele e nossa profissão religiosa nos unem.
- 02 Para que esse vínculo cresça e se concretize, é importante nos conhecermos, nos compreendermos e nos apreciarmos mais profundamente. Isso acontece quando passamos tempo juntas e compartilhamos nossas vidas. É assim que nos damos alegria e experimentamos a riqueza da comunidade. Apoiamo-nos mutuamente no caminho do discipulado por meio do encorajamento, da admoestação fraterna no momento certo, da escuta paciente, da resistência mútua, do apoio, da oração em conjunto e rezando uma pela outra.
- 03 A dignidade e a singularidade de cada pessoa e, portanto, de cada irmã, reside no fato de que Deus Trino vive em cada uma de nós. Continua sendo uma tarefa para toda a vida, não perder de vista essa verdade e alinhar as nossas relações com ela. Estamos cientes de que as diferenças de idade, personalidade, assim como as influências familiares e culturais, afetam nossas relações. Estas diferenças podem enriquecer-nos e desafiar-nos. Mostramos boa vontade e interesse caloroso umas pelas outras e nos empenhamos para nos respeitar e falar bem umas das outras.
- 04 Não somos uma comunidade ideal, mas sempre, de novo, somos causa de agitações e aborrecimentos umas para as outras³⁴. Isso também leva a desentendimentos, conflitos e feridas. Para não ficarmos paradas nestes movimentos internos, buscamos o Crucificado e apresentamos nossas limitações, endurecimentos, feridas e culpas diante de Deus. Desse modo, obtemos forças para seguir em frente e nos aproximarmos umas das outras em paz e reconciliação. Quando pedimos, oferecemos e damos perdão, a reconciliação se torna possível. Damos tempo umas às outras para dar os respectivos passos.
- 05 Para que a vida partilhada seja frutuosa, precisamos estar dispostas para nos envolver no diálogo, no compromisso e praticarmos juntas o discernimento do espírito. Nos Capítulos sobre os diferentes níveis, discutimos e concordamos sobre como vivemos o nosso carisma comum nos respectivos lugares e no tempo atual. Ao fazê-lo, ouvimos atentamente e valorizamos as vozes de todas as gerações. Ao trocarmos nossos dons, experiências e visões, amadurecemos juntas em dar e receber.
- 06 As irmãs idosas nos presenteiam com o testemunho de seu amor por Cristo e de sua experiência de vida e sabedoria. Elas nos fortalecem por meio de sua benevolência, seu amor e suas orações. Nas crises e nas doenças, bem como na fragilidade da idade avançada, vivenciamos particularmente que somos dependentes umas das outras e do cuidado da congregação. Mesmo nesses tempos, ajudamo-nos mutuamente a manter o olhar na nossa vocação e missão e a descobrir neles os traços de Deus. Cuidamos umas das outras até o fim da vida e permanecemos ligadas às nossas irmãs após a morte também em oração.

³³ Jo 15,12.

³⁴ Con85 24,1.

III H Da obediência por amor

- 01 Nossa vocação nos capacita viver em obediência por amor a Deus, em uma interação viva entre chamado e resposta. Ouvir atentamente e andar corajosamente nos caminhos que ele nos conduz é o núcleo interior de nossa Vida Religiosa.
- 02 Criadas à imagem de Deus, cada uma de nós tem uma dignidade inalienável e uma parte no mandato bíblico da criação para servir a vida.
- 03 O batismo dá a todas nós, da mesma forma, a filiação de Deus e nos coloca corresponsáveis pela participação no Reino de Deus. A graça batismal se abre na vida da profissão religiosa, que nos une às irmãs de maneira especial, como membros do Corpo de Cristo e nos coloca na responsabilidade comum pela congregação e sua missão. Vivemo-la com atenção como pessoas ouvintes, no seguimento de Jesus que foi obediente até a morte³⁵.
- 04 Por amor a Deus e seguindo o exemplo de São Francisco, vivemos a obediência em um espírito de fraternidade e na reverência pela presença divina em cada pessoa. Quando a escuta do outro em diálogo e a escuta de Deus em conjunto se unem, cria-se um espaço sagrado no qual podemos experimentar o Deus trino vivo e as nossas relações podem aprofundar-se.
- 05 Como congregação, estamos convencidas de que Deus fala por meio de cada irmã³⁶. Quando escutamos juntas, é importante reconhecer e levar em consideração os dons e as capacidades, bem como as limitações, tanto as de cada irmã quanto as da congregação.
- 06 Tendo em vista a nossa missão comum e a realidade em que vivemos, percebemos o nosso mundo e as suas necessidades. Escutamos as lamentações e gemidos da criação e procuramos interpretar e responder aos sinais dos tempos³⁷ à luz do Evangelho.
- 07 Os nossos capítulos e reuniões comunitárias nos dão espaço para buscarmos juntas a vontade de Deus e encorajarmo-nos mutuamente a seguir Jesus Cristo. Ao fazê-lo, podemos experimentar como o Espírito Santo abre portas para coisas novas e nos mostra caminhos para o futuro.
- 08 Também somos chamadas a estar atentas à forma como Deus nos quer conduzir por meio de encontros e experiências na vida cotidiana.
- 09 O discernimento espiritual praticado pessoal e coletivamente permite-nos viver o nosso voto de obediência como congregação.
- 10 São Francisco e Santa Clara descrevem a admissão à congregação religiosa como “ser aceita para a obediência³⁸”. O nosso sim a Deus e à congregação significa simultaneamente um sim a pessoas específicas e a estruturas comunitárias. Viver a obediência de forma responsável e com liberdade interior dentro da estrutura hierárquica de nossa congregação é uma tarefa para a vida toda.
- 11 Algumas irmãs recebem responsabilidades especiais na congregação por um determinado período. São Francisco chama os irmãos de “ministros” e “guardiões” em funções de liderança, o que expressa a natureza servil do seu cargo. Mesmo que chamemos as irmãs responsáveis de superioras, elas são, antes de tudo, aquelas que obedecem e servem por primeiro às irmãs e à congregação.
- 12 Elas fortalecem a vida fraterna e espiritual em vários níveis. Servem a unidade, a preservação e a dinamização do carisma e o desenvolvimento da congregação. Elas

³⁵ Fl 2,8.

³⁶ RSC 4,18; LM VI 4,5.

³⁷ GS 4.

³⁸ RB 2,11; RSC 2,13.

estão preocupadas com a fidelidade à missão e com a garantia dos fundamentos materiais da congregação. No espírito franciscano, devem procurar e apoiar as suas coirmãs, encorajá-las nas suas forças e levá-las a sério nas suas limitações; preocupar-se com o seu crescimento e trabalhar junto com elas para o seu desenvolvimento pessoal e o amadurecimento da sua vocação³⁹.

- 13 No seu serviço, a superiora depende da oração, da confiança, da discrição e da cooperação das irmãs e também da aceitação da sua responsabilidade. A relação entre a responsabilidade pessoal e partilhada e a responsabilidade da superiora é, por vezes, tensa e deve ser modelada.
- 14 Na busca por boas decisões, colocamos as nossas próprias convicções com relação ao bem da congregação e aprendemos a deixá-las quando for necessário para o bem do todo⁴⁰.
- 15 Por meio da vida de obediência, aprofundamos uma atitude de disponibilidade, humildade e confiança. Isso se mostra, entre outras coisas, na aceitação de críticas construtivas e na abertura a sugestões e decisões que não correspondam aos próprios desejos e ideias.
- 16 Ao mesmo tempo, expressamos as nossas próprias percepções e preocupações justificadas e examinamo-las ouvindo em conjunto. Tomamos iniciativas e estamos preparadas para assumir responsabilidades e contribuir de forma concreta.
- 17 Na sua terceira admoestação, São Francisco recorda que, na vida de obediência, podemos chegar a um ponto em que aquilo que é pedido seja incompatível com a consciência, a Regra ou a profissão religiosa. Nesse caso, a irmã não pode seguir a instrução, mas não deve romper a sua relação com a superiora⁴¹.
- 18 Cada cargo e cada serviço atribuído são limitados no tempo. Se não nos agarrarmos a lugares, tarefas e cargos, mas ouvirmos, obedecermos e partirmos sempre de novo, crescemos na liberdade dos filhos de Deus⁴².
- 19 Assim a obediência amorosa é, portanto, um caminho espiritual que conecta o céu e a Terra e por meio do qual a presença curativa de Deus pode chegar cada vez mais ao nosso mundo.

III I Da vida apostólica-missionária

- 01 Cada vida de seguimento de Cristo é, em si, missionária-apostólica: “Este mandato toca-nos de perto. Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo [...]. Para o amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque é fruto do amor de Deus⁴³”.
- 02 Os discípulos de Jesus foram enviados para dar testemunho⁴⁴. Também nós somos enviadas ao mundo para amar, para dedicar a nossa vida aos outros e para dar testemunho. Queremos estar atentas aos sinais dos tempos e prontas para nos envolver com a realidade em que nos encontramos. Mantemos em nossos corações e em nossos relacionamentos a esperança pascal de que a cruz é seguida pela ressurreição.
- 03 Todos os dias somos chamadas a ser transformadas pelo Verbo que se fez homem em

³⁹ RB 10,4-6.

⁴⁰ Ad 3,5.

⁴¹ Ad 3,7.

⁴² Cf. Con85 28,1.

⁴³ MMiss 2019.

⁴⁴ Cf. Lc 10,1.

Jesus Cristo. Isso nos leva adotar uma atitude de minoridade, de diálogo e de serviço, na qual tratamos os outros com atenção e apreço. Dessa forma, o Reino de Deus e os valores do Evangelho podem se tornar presentes.

- 04 Pertencemos à Igreja Católica e partilhamos a sua missão. Ao nos envolvermos na Igreja local e no diálogo dentro e fora da Igreja, contribuímos para a sua renovação. Convidamos as pessoas a partilhar conosco a vida e a fé e queremos fazer a experiência de fé juntamente com elas. Como franciscanas, também queremos ir a lugares onde a Igreja ainda não está⁴⁵ ou já não está mais presente.
- 05 Em nosso caminho, aprendemos com o testemunho de vida de São Francisco e de Santa Clara, de nossas irmãs e de outras pessoas. Participamos da vida de outros e somos presenteadas por eles. Também deixamos que pessoas partilhem das nossas vidas e oferecemos diferentes formas de hospitalidade. Somos abertas e gratas a todos para quem o nosso carisma é significativo para as suas próprias vidas. Em diálogo com eles e com outros, acolhemos impulsos revigorantes.
- 06 Criamos e abrimos espaços e lugares onde a beleza de Deus pode ser experimentada com todos os sentidos, por exemplo, na liturgia, na arte, na música, bem como em nossas áreas de convivência e jardins.
- 07 Como congregação orante, a adoração eucarística é nossa fonte e missão. Levamos as intenções do mundo a Deus em oração intercessora. Certas irmãs ou conventos podem ser encarregados pela província com uma missão especial de oração.
- 08 Como criaturas de Deus, vivemos juntas na casa comum⁴⁶ da criação. Cada uma de nós faz parte do todo e só nos tornamos seres humanos por meio dos nossos encontros com outras pessoas⁴⁷. Vivemos relações fraternas em nossa congregação, na Igreja, com as pessoas e com a criação. O respeito e a apreciação mútua são valores centrais para a nossa convivência intercultural e para o nosso compromisso com a paz e a justiça no mundo. Assumimos nossa responsabilidade pela Criação de Deus e estamos empenhadas em garantir que as gerações futuras também possam viver nela. Adquirimos e partilhamos os conhecimentos necessários em diálogo com outras pessoas comprometidas.
- 09 Apoiamos desenvolvimentos sociais e projetos que servem a vida e levantamos a nossa voz contra desenvolvimentos indesejáveis. Em tudo, por meio do nosso ser e das nossas ações e, se necessário, das nossas palavras, damos testemunho da esperança que nos move e possibilitamos às pessoas descobrirem e desenvolverem perspectivas para as suas vidas⁴⁸.
- 10 Utilizamos nossos dons e habilidades em diversas tarefas e profissões nos lugares para onde a congregação nos envia. Em nossas ações, queremos ser testemunhas e instrumentos do amor de Deus pelo seu mundo.
- 11 Os pobres e marginalizados são os “favoritos” no Reino de Deus. Ao encontrar leprosos, São Francisco experimentou que “aquilo que [lhe] parecia amargo se [lhe] converteu em doçura de corpo e alma⁴⁹”. Para nós, a opção pelos pobres significa cuidar dos necessitados, acolhê-los em nossos corações, ouvir suas vozes, amplificá-las e elevar a nossa própria voz para eles. Como irmãs de todos somos chamadas a “curar os feridos, reanimar os abatidos e reconduzir os errantes⁵⁰”.

⁴⁵ Aparecida 2007, n. 376.

⁴⁶ LS 1.

⁴⁷ Cf. filosofia africana Ubuntu.

⁴⁸ Cf. RnB 16,5-7.

⁴⁹ Test 3.

⁵⁰ Regra II l30.

¹² A necessidade é sempre maior do que aquilo que as nossas forças limitadas podem alcançar. Quando damos generosamente, podemos confiar que o pouco que damos se multiplicará nas mãos de Deus⁵¹. O Deus Trino nos mostrará os próximos passos, tanto no risco de partir quanto no corajoso encerramento de uma missão.

¹³ Nossa vocação é graça, nossa missão, dom gratuito. Olhamos com gratidão o bem que nossas irmãs fizeram ao longo da história. Reconhecemos com dor que, nessa história, algumas coisas deram errado e pessoas ficaram machucadas e carregam feridas. Confiamos tudo o que passou, presente e futuro à misericórdia de Deus.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
teus são o louvor, a glória, a honra e toda bênção.
Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno de te mencionar.
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas...
Louvai e bendizei a meu Senhor,
e dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade.⁵²

Texto aprovado pelo Capítulo Geral Extraordinário de agosto de 2025

⁵¹ Cf. Mc 6,30-44.

⁵² Cnt 1-3a,14.